



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

Roteiros Sentimentais: Cultivando Lugares e Memórias em Campos dos Goytacazes

Orientadora: Geovana Tabachi
Bolsista: Kethlyn Vitoria da Silva Oliveira

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2024



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DA LITERATURA	5
MATERIAIS E MÉTODOS.....	6
RESULTADOS E DISCUSSÃO	9
REFERÊNCIAS.....	17

RESUMO

O relatório "Roteiros Sentimentais: Cultivando Lugares e Memórias em Campos dos Goytacazes" é resultado de um projeto em que exploramos a relação entre memória e espaço urbano em Guarus, subdistrito de Campos dos Goytacazes. A pesquisa qualitativa combina revisão bibliográfica, observação participante e aplicação de questionários. Através desses métodos foi possível identificar locais de relevância afetiva e cultural, bem como os desafios enfrentados pelos moradores.

Autores como Pollak (1992) e Hélio Silva (2009) embasaram a análise, destacando a memória como fenômeno social e individual e a importância da interação etnográfica. As visitas de campo revelaram percepções sobre patrimônios materiais e imateriais, destacando o impacto das vilas olímpicas e espaços abandonados como o Parque Rio Branco, que, apesar do descaso, ainda carregam esperanças locais.

As experiências relatadas reforçam a importância do patrimônio imaterial e do engajamento comunitário na construção de identidades locais, promovendo a conexão entre história e presente em contextos urbanos marginalizados.

INTRODUÇÃO

Com a pesquisa, buscamos compreender a relação entre memória e espaço urbano, ao mesmo tempo que contribuir para um maior conhecimento acerca da diversidade cultural do patrimônio campista, tendo como ponto de partida os seus diferentes repertórios, em diferentes contextos culturais, sociais, econômicos, religiosos, escolares, estéticos, artísticos, entre outros. E assim, registrar imaginários e emoções que se inscrevem no cotidiano de pessoas que vivenciam Guarus em seus deslocamentos habituais, assim como em outros territórios da cidade campista. No primeiro momento da pesquisa tivemos contato com alguns territórios, os quais estão organizados política e geograficamente no município em bairros, como Lebret, Custodópolis, Santa Rosa e Santa Helena, dentre outros também relevantes, embora não abordados neste trabalho, como o Parque Carioca, Parque Prazeres, Sapucaia e Paraíso.

Guarus é um subdistrito do município de Campos dos Goytacazes, estado do Rio de Janeiro, localizado na parte norte da cidade, na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Em 1890 foi chamada de freguesia de Santo Antônio de Guarulhos, e também de Guarulhos, nome indígena, por ter sido habitado por indígenas dissidentes dos goitacás. Porém, em função de coincidir com o nome da cidade paulista e atendendo a reivindicações populares, mudou de Guarulhos para Guarus, por decisão da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes pelo decreto-lei estadual nº 1056, de 31-12-1943.¹

Estudos sobre a cidade campista indicam a presença de segregação urbana entre Guarus e o município sede, conforme relatam Alvarenga e Siqueira (2023), tendo em vista a herança do passado marcada pela presença da elite canavieira ainda existente nas áreas centrais, mas no presente voltadas para o setor imobiliário.

Mesmo apresentando elementos que caracterizam a segregação urbana na margem direita do rio Paraíba do Sul, os estudos apontaram que na sua margem esquerda o subdistrito de Guarus é o que concentra as marcas mais fortes da segregação urbana (ALVARENGA e SIQUEIRA, 2023, p.18).

¹ <https://wikimapia.org/17778336/pt/Guarus>

As autoras ainda ressaltam que a segregação existente no espaço urbano de Campos dos Goytacazes manifesta-se na distribuição das residências conforme as classes sociais. As famílias de menor renda se concentram em grande parte na região norte da cidade, em Guarus, enquanto as de maior poder aquisitivo predominam nas áreas mais valorizadas ao sul do município. Essa dinâmica pode ser comprovada à luz de Harvey (2013), que define a segregação como a distribuição desigual das classes sociais.

REVISÃO DA LITERATURA

Durante os primeiros meses de pesquisa, o trabalho foi focado na revisão de bibliografia, quando pude realizar leituras e conhecer alguns autores como, por exemplo, Peirano (2014), Silva (2009) e Pollak (1992). Autores que relacionam a importância do corpo no campo, suas memórias e relações. No mês de junho, após a etapa de levantamento bibliográfico e do mapeamento através do Google Forms, além da leitura de "Andar e Ver" (Silva, 2009) decidimos ir ao campo, já que no texto o autor destaca a importância do percurso, da observação e da descrição do contexto percorrido e observado.

Durante o tempo de leitura, pude revisitar algumas memórias pessoais. Além de discente e pesquisadora neste projeto sobre "lugares e memórias", durante a maior parte da minha vida passei morando em Guarus. Então, através desse projeto sobre conhecer roteiros sentimentais pude revisitar muitas memórias.

A fundamentação teórica do estudo se apoia no conceito de Pollak (1992), que afirma ser a memória um fenômeno social e individual, ligado intrinsecamente ao sentimento de identidade. A memória herdada, segundo ele, possui uma estreita relação com as experiências pessoais e coletivas. Ainda, outro conceito importante que sustentou este estudo foi o artigo "Andar e Ver", como já citado, que enfatiza a necessidade do etnógrafo se situar no espaço social que estuda, observando atentamente a interação entre os indivíduos e o ambiente urbano. A partir destas compreensões foram realizadas as visitas ao campo, tendo em vista acompanhar moradores com os quais decidimos dialogar em seus trajetos diários, registrando suas experiências e percepções sobre os espaços que frequentam

Além disso, com as leituras iniciais foi possível me preparar para a ida ao campo, pois era uma questão relevante pensar como iria me afastar de um lugar que fez parte da maior parte da minha história. Mas através de uma referência sobre o tema

Antropologia das Emoções (Victora e Coelho, 2019, p.14) pode pensar os “sentimentos como conceitos culturais que mediam e produzem a experiência afetiva”.

Desse modo, conversar com pessoas que conheço e que eram da mesma localidade que eu ou de bairros próximos me fizeram refletir muito para a maneira que olhamos o nosso lugar. Principalmente pensando em locais que fogem da área central, pois sempre fomos ensinados a olhar o centro como a área importante da cidade, onde estão as melhores coisas, onde os empregos se concentram, onde também se concentram os patrimônios que são lidos como importantes para a cidade. E assim, não aprendemos a olhar para o nosso lugar, não aprendemos a valorizar as áreas não centrais, porque estas também possuem patrimônios imateriais, que também são importantes para os moradores, como, por exemplo, pensar no trajeto que fazemos para ir à escola, ao trabalho.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, combinando dois métodos, sendo eles a pesquisa bibliográfica e observação participante. Além disso, o trabalho dialoga com o Observatório do Patrimônio Cultural de Campos, colaborando no mapeamento de bens culturais da região.

O questionário via Google *Forms* foi uma das ferramentas para coletar dados, direcionado inicialmente aos moradores de Guarus, mas ao decorrer da pesquisa surgiu a ideia de expandir-se para pessoas de outros territórios de Campos. O questionário teve como objetivo identificar os locais de relevância afetiva e cultural para os participantes, aqueles que despertam memórias e significados profundos.

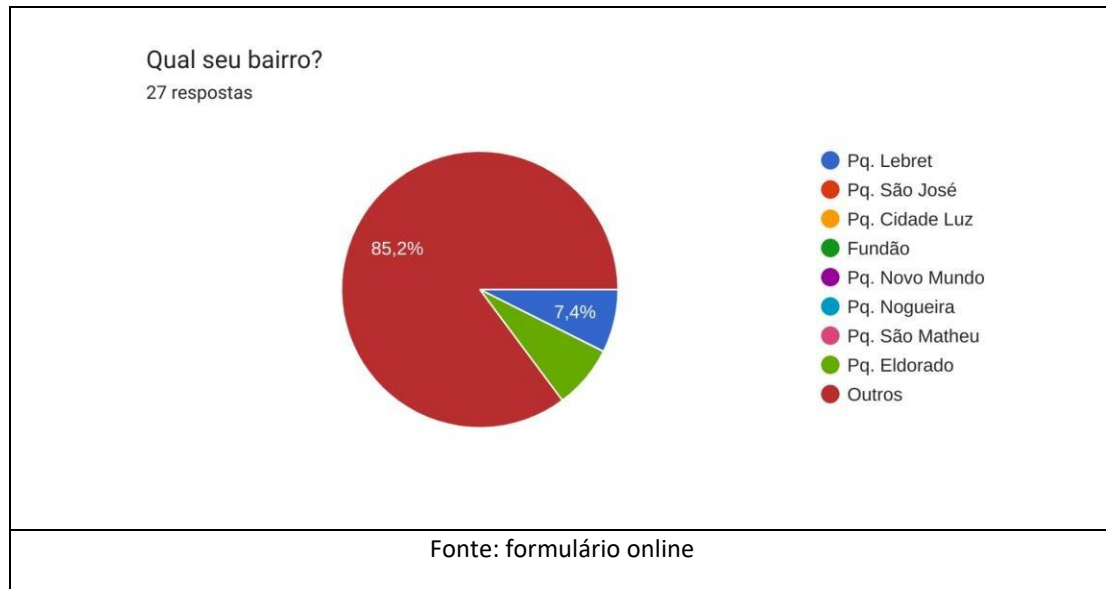
Durante a pesquisa nos deparamos com uma resistência das pessoas para responder o questionário, então procuramos formas de chamar a atenção de pessoas que moram em Guarus de outra maneira. Assim, foi enviado no grupo do BUSUFF² que passa por bairros de Guarus, também elaborei um cartaz com QR code que espalhei pelos blocos da UFF e também no BUSUFF. Assim, enviamos o link para outras pessoas de territórios diversos, além de Guarus, como o Centro da cidade, por exemplo.

² Grupo do BUSUFF: grupo no whatsapp para a comunicação entre os alunos que andam com os ônibus da UFF.



Dialogando com Flávia Ferreira Pires (2011) ao abordar sobre roteiros sentimentais, destacamos a importância de estarmos preparadas para os imprevistos, como nos ensinou Malinowski, sem permitir que estes impeçam a criação de soluções.

Como aconteceu durante o período da greve, visto que nosso plano inicial era fazer conversas com alunos da UFF, a partir de roteiros sugeridos por eles, porém quando a greve começou foi necessário pensar em outras alternativas. Diante da situação que se impunha, conseguimos contato com poucos alunos, por isso, acionamos pessoas fora da universidade para darmos sequência ao trabalho, enquanto aguardávamos o retorno das aulas.



O gráfico acima mostra a distribuição dos locais onde vivem os participantes da nossa pesquisa, no total de 27 respostas. Com esse gráfico foi possível observar que 85,2% dos entrevistados são de bairros denominados como “outros”, com isso podemos perceber que a maior parte dos participantes são de áreas que não havíamos listado. Isso se deu por termos entrado em contato com pessoas de fora da universidade e de outras localidades, tendo em vista a greve e a nossa dificuldade em achar pessoas para contribuir com o projeto.

Com o formulário aplicado pelo Google *Forms*, foi possível fazer algumas perguntas para entender melhor a relação entre os lugares e as pessoas que responderam. Uma das perguntas que mais chamou a atenção foi sobre “quais eram os desafios do bairro?”. Nessa pergunta a grande maioria das respostas falavam sobre as ausências, como saneamento básico, transporte público, lixos nas ruas, alagamento sempre que chove e segurança.

Como uma pessoa que já morou em Guarus me identifiquei muito com as respostas, visto que as narrativas caracterizavam um lugar negligenciado há tantos anos e infelizmente não acontece uma melhora. Ao ler vieram várias recordações, mas assim como algumas respostas no formulário, também foi possível lembrar de momentos felizes e acionar várias memórias afetivas.



Fonte: arquivo pessoal - Foto autoral

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começando pelo Lebret, no Parque Guarus, com Marcela e Luciana, ambas não são estudantes da UFF, Marcela tem 49 anos e é formada em Pedagogia. Luciana tem 22 anos e cursa Psicologia em uma universidade particular. Havíamos planejado seguir pelas ruas relatadas no mapeamento pelo *Forms*, mas aconteceu um imprevisto de saúde com a mãe da entrevistada Marcela e tivemos que conversar na casa delas.

Começamos conversando sobre a rotina que elas fazem, Luciana trabalha e estuda no centro morando em Guarus e costuma diariamente fazer esse trajeto de bicicleta, enquanto Marcela trabalha em outro município duas vezes na semana e costuma ir de condução.

Logo após perguntei sobre o questionário pelo *Forms*, como foi responder, o que acharam, se acharam difícil ou não. Elas disseram que não acharam difícil, mas que tiveram uma dúvida em uma das perguntas, que no momento pedi para que mostrassem para poder explicar, caso precisassem. E assim começamos a conversar sobre o bairro.

Comecei perguntando o que elas consideram patrimônio de Guarus e ambas

estranharam a pergunta e a Luciana respondeu rapidamente questionando se havia patrimônio em Guarus. Assim, pudemos conversar sobre o que seria patrimônio e Marcela bem surpresa disse que pensava que patrimônio eram aquelas casas/lugares que só tinham pelo centro e disse que então parando para pensar haviam vários patrimônios por Guarus. Pudemos conversar sobre patrimônios imateriais através disso.

Elas trouxeram muito sobre o diferenciamento e exclusão que fazem com Guarus durante a conversa. Sobre a precariedade dos sistemas públicos e a necessidade deles, como por exemplo os ônibus que além do alto valor, não se pode contar para chegar nos lugares com hora marcada, já que os ônibus não têm horário.

Marcela também falou sobre a mudança com o passar dos anos no bairro. Ela contou que cresceu frequentando o candomblé e que haviam muitos terreiros por Guarus, que eram muito comuns. A partir disso, relatou sobre como as igrejas vem tomando esse espaço pelo bairro, como começaram a evangelizar as pessoas que frequentavam e que começaram a demonizar religiões de matrizes africanas, e ela conta como que isso funcionou, já que atualmente Guarus possui várias igrejas e quase nenhum ou nenhum terreiro.

As duas moradoras do Lebret também falaram da importância das Vilas Olímpicas. No relato afirmaram como o lugar³ facilitou o acesso ao lazer, que agora as pessoas conseguem alugar um salão de festa gratuitamente, pois a Vila oferece o espaço, é só reservar.

³ As Vilas Olímpicas oferecem modalidades esportivas e recreativas, além de atividades de lazer para pessoas de todas as idades, atuando, inclusive, com a oferta de atividades para pessoas com deficiência. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/web/esportes/vilasolimpicas>
Acesso em: 08 de Agosto de 2024



Fonte: arquivo pessoal - Foto autoral

Na sequência, outro encontro aconteceu na Pracinha de Custodópolis com Bárbara, estudante de Ciências Sociais da UFF. O lugar é considerado bastante cultural e cheio de tradições, sendo considerado até o berço do samba⁴. Começamos meio tímidas a conversa, pois não nos conhecíamos. Então perguntei se ela já morava há muito tempo no local e se conhece muito por lá. Bárbara me respondeu que nasceu e cresceu em Custodópolis, mas que sua mãe se mudou para outra parte de Guarus e que morou algum tempo com ela e depois retornou para o local de origem, embora tenha afirmado que não conhecia muito além dos arredores de sua casa e de seus familiares, os quais moram todos muito próximos. Nesse momento foi possível dialogarmos sobre essa nossa coincidência, pois também comentei que era nascida e criada em Guarus, porém não conhecia muito do meu bairro, assim como de Campos, tendo ela afirmado o mesmo.

Bárbara relatou sobre como era e como funciona o bairro hoje em dia, sobre as diferenças, como por exemplo, a praça que leva o nome do bairro “Praça de Custodópolis” e era bastante movimentada, principalmente nos finais de semana, contudo, esse movimento diminuiu significativamente. A praça, segundo Bárbara, costumava ser mais agitada, com mais atrativos, como por exemplo um parquinho para as crianças. Mas hoje não é como antigamente, onde os jovens

tinham o costume de se reunir na praça aos finais de semana para conversar e ouvir música, e esse comportamento não acontece mais. O movimento atual da praça se dá mais pelos bares ao redor ou de eventos das igrejas das proximidades. Ainda assim ela citou a praça como patrimônio do bairro e também como um ponto importante para ela, pois era onde tinha um tempo de lazer com seus amigos.

Dando prosseguimento ao “andar e ver”, pude me encontrar com Laura, na Avenida Senador José Carlos Pereira Pinto, no Shopping de Guarus. Ela é mestrandia da UFF e propôs que fossemos andando por locais que ela considera patrimônios de Guarus. O primeiro lugar que ela me levou foi o CEA (Centro de Educação Ambiental), que fica na mesma avenida do Shopping. Particularmente, fiquei bem surpresa, pois não sabia da existência do local.



Fonte: arquivo pessoal - Foto autoral

O CEA funciona desde 2004, com várias atividades para o público espontâneo e agendamento que geralmente é feito por escolas, com visita guiada. O local possui algumas atividades, como por exemplo um jardim sensorial, uma sala com alguns animais onde acontece uma mediação, na qual a mediadora conta sobre diversos

animais e plantas. No local recebem óleo e trocam por uma muda de planta e com esse óleo se faz sabão e até velas, além de haver uma estação de livros. Laura disse que possui ótimas memórias do espaço, como uma sala de informática, onde as pessoas do bairro podiam agendar horários para usar os computadores.

Quando saímos do CEA, Laura e eu também fomos em um ponto muito emblemático de Guarus que, muita gente, assim como eu, não sabia sequer que havia um projeto de um parque, o Parque Rio Branco, situado no Parque Barão do Rio Branco. O lugar é um campo coberto de mato, enorme cortando três ruas. Um campo completamente abandonado, mas com uma capacidade de ser um parque incrível. Laura relatou ter um apego com o lugar, que estuda e luta ativamente para que o projeto saia do papel, lamentando o descaso com o espaço.

Ela também ressaltou que os moradores têm lutado por alguns direitos como praças, asfaltamento, esgoto, correios, projeto de arborização, limpeza e criação de área de lazer em volta da lagoa que está abandonada neste local. Mas ao mesmo tempo a esperança dos moradores é algo muito viva apesar dos descasos. Em sua narrativa, ela me chamou a atenção para as construções das casas feitas com sacadas viradas para a suposta “praça”, embora não haja previsão do lugar ficar pronto. Ainda ressaltou a vontade e interesse dos moradores pelo espaço, que sonham com a obra.

Continuando a construção dos roteiros, este foi com Helena, aluna do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense/UFF. Iniciamos na UFF e seguimos para Guarus. Helena respondeu o questionário e aceitou o convite para fazermos o campo, tendo ela mesma criado todo o roteiro e também convidado amigos para a conversa.

O primeiro lugar sugerido foi o Colégio Estadual General Dutra, onde ela estudou uma parte de seu Ensino Fundamental e Médio. Quando chegamos a escola estava com pouquíssimos alunos e fomos recebidas pela diretora, que logo nos contou que em Campos, os alunos só retornam das férias do meio do ano após as festas do Santíssimo Salvador. O CE possui cerca de 760 alunos, 29 turmas e 3 turnos, contudo foi possível notar que o patrimônio sofre com o sucateamento há anos, principalmente com a rede de energia, a falta de profissionais e a dificuldade para receber estagiários universitários no ambiente.

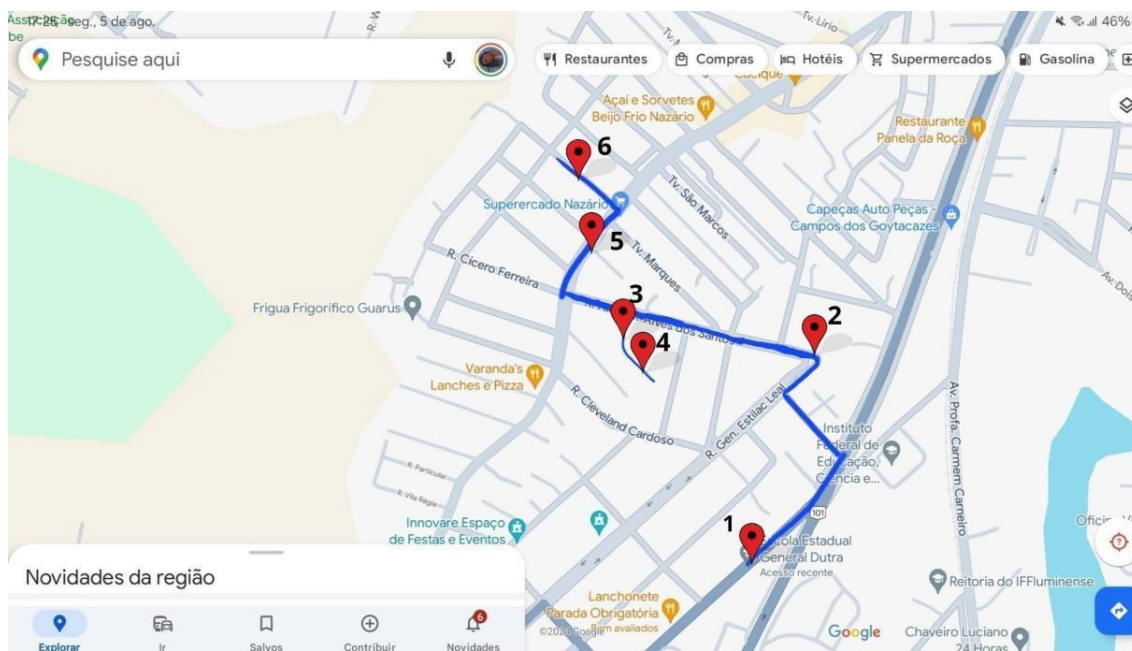
Depois fomos andando pela Rua Aldenor Alves dos Santos, ou como ela é conhecida popularmente “Rua de Duas pistas” até uma esquina onde Helena nos explicou que era ponto de encontro das pessoas que são usuárias de drogas. Ela nos mostrou onde as pessoas usuárias passam boa parte do seu tempo.

Logo após, Helena nos levou para conversar com dois amigos, na rua onde morava, chamada “Rua Projetada A”, sendo um deles amigo de infância, o Mauro. A conversa com eles fluíu muito bem e o jovem nos contou que é rapper, e junto com alguns amigos estão produzindo músicas e clipes. Ele ressaltou que em suas produções narra realidade vivida em seu lugar de moradia, contando, inclusive, com o apoio dos vizinhos até nas produções dos clipes. Seu sonho é conseguir uma vida melhor para os pais e atuar em memória da irmã. Além da música ele trabalha como mecânico, mas devido a um acidente recente não tem conseguido trabalhar. Tivemos a oportunidade de conhecer uma de suas produções, chamada “set saudade dos crias”⁵, onde é relatada a violência que acontece em seu bairro. Em sua narrativa, ele destacou que ele e seus amigos fazem rodas de rima pelo bairro, sem nenhum patrocínio, usando do próprio dinheiro para fazer um evento acontecer. Helena e Mauro nos contaram que a esquina onde estávamos era o lugar onde eles sempre se encontravam para passar um tempo juntos conversando.

Após a conversa, fomos até a casa do pai de Helena, era bem próximo da esquina onde estávamos, mas a casa estava trancada pois não havia ninguém em casa.

Assim, seguimos para nossa parada que seria a Avenida Nazário, como é mais conhecida: Nazário. Essa avenida é muito conhecida pelos moradores de Guarus por abranger mais de um bairro, possuindo muitos comércios, bares e lugares para comer. Helena sugeriu essa avenida como um dos pontos do roteiro, segundo ela, andar por lá traz muitas lembranças quando ela e sua amiga Rebeca (irmã do Mauro) saíam para andar juntas e tomar açaí.

Essa avenida também nos leva ao último local planejado por Helena, a casa de sua tia, que mora na Rua Denancy Anomal. Após fazer o trajeto desde a escola General Dutra andando, paramos na casa da tia de Helena para tomar um café. Conhecemos seus dois filhos e o seu salão de beleza que fica no mesmo quintal, conversamos sobre como era o dia a dia quando a Helena ainda morava no mesmo local, porém na parte de cima da casa, onde é a casa da avó da Helena. Elas contaram do costume de estarem todas reunidas na casa da avó pela manhã para conversarem, sempre com uma xícara de café.



Fonte: arquivo pessoal - Foto autoral

Como a Tia da Helena tinha cliente agendado logo fomos embora, o campo acabou lá pelas 15 horas, quando pegamos um uber e fomos até ao centro.

A partir das observações *in locu* guiadas por moradores, principalmente junto a Helena e Mauro, foi possível relacionar o conceito da amabilidade urbana apresentado por pela Adriana Sansão (2011). O apego emocional ao espaço vivido mesmo diante de situações que afetam a vivência cotidiana dos moradores estimula a intervenção temporária na cidade como a reunião de espaços coletivos mais amáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada, foi possível evidenciar a complexidade das relações entre memória, espaço e identidade em Guarus, destacando tanto os desafios quanto às potencialidades locais. As experiências trazidas pelos moradores revelaram um território marcado pela exclusão social e negligência histórica, mas também rico em

memórias afetivas, culturais e patrimoniais.

Apesar das dificuldades, como a falta de infraestrutura básica e o abandono de espaços públicos, os moradores demonstram um forte apego emocional aos lugares que habitam, traduzido em ações de preservação, reinvenção e resistência cultural. A abordagem metodológica aplicada possibilitou a construção de um panorama abrangente das dinâmicas locais, além de promover um diálogo significativo entre pesquisador e comunidade.

Esse estudo reforça a importância de políticas públicas voltadas à valorização do patrimônio imaterial e à promoção de condições urbanas dignas, que respeitem as memórias e as histórias dos territórios. Além disso, ressalta a necessidade de ouvir a voz dos moradores como protagonistas na construção de suas narrativas e na transformação de suas realidades. Guarus não é apenas um espaço marginalizado, mas também um lugar de esperança, potencialidades e resistência.

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo: Hucitec Editora, 2013.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014.

PIRES, Flávia F. (2011). Roteiro sentimental para o trabalho de campo. Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 20(20), 143-148.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

SANSÃO, Adriana F. Amabilidade urbana: A qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária. Cadernos Proarq17, 2011. Disponível em: <https://intervencoestemporarias.com.br/wp-content/uploads/2016/07/Amabilidade-Urbana.pdf>

SILVA, Hélio. A situação etnográfica: andar e ver. Horizonte Antropológico, vol 15, nº 32, Porto Alegre, 2009.

SIQUEIRA, Antenora Maria da M.; ALVARENGA, Flávia R. de. A segregação presente na cidade de Campos dos Goytacazes: as margens opostas do Rio Paraíba do Sul. XXI Seminário de Integração Regional de 2023 - "Cidades, Regiões e Gestão Integrada do Território" (GT 4. A produção da cidade, Agentes e Ações da Periferia), UCAM, Campos dos Goytacazes, novembro/2023.

VÍCTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7-21, maio/ago. 2019.